

Envelhecimento e esquecimento, contratempos da tradução (com Walter Benjamin e Marcel Proust)

*Aging and oblivion, setbacks of translation
(with Walter Benjamin and Marcel Proust)*

*Marcelo Jacques de Moraes**

RESUMO

A partir das reflexões de Walter Benjamin sobre a obra de Marcel Proust, pretendemos voltar ao modo como permitem pensar as relações entre a literatura e a tradução, as “conexões de vida” entre elas, visando a especular mais especialmente sobre a dimensão produtiva do envelhecimento e do esquecimento, tomados como contratempos críticos inerentes a toda obra – original ou tradução –, e que destinam ambos, necessária e inexoravelmente, no âmbito da “floresta interna” de cada uma das línguas envolvidas e no da fronteira entre elas – ao menos para os leitores “que compreendem o original”–, ao inacabamento e à “vida continuada”.

Palavras-chave: *Walter Benjamin; Marcel Proust; tradução literária.*

ABSTRACT

From Walter Benjamin’s reflections on the work of Marcel Proust, we intend to go back to the way they allow us to think the relations between literature and translation, the “life connections” between them, aiming to speculate more specifically on the productive dimension of aging and oblivion taken as critical setbacks, natural to every work – original or translation –, and that both predestine, necessarily and inexorably, within the “internal forest” of each of the languages involved and the border between them – at least for readers “that understand the original “–, to incompleteness and “continued life”.

Keywords: *Walter Benjamin; Marcel Proust; literary translation.*

* Professor de literatura francesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisador do CNPq.

Como se sabe, as lembranças que fazem a trama do “tempo reencontrado” na obra de Marcel Proust são sempre marcadas por uma dupla temporalidade: elas constituem o traço da fugacidade, do envelhecimento, da desapareição, da destruição definitiva daquilo – da vida – que evocam, e, simultaneamente, o traço da inscrição dessa vida numa rede de sentidos que se configura para além de todo “acontecimento vivido” (BENJAMIN, 2012, p. 38), em uma sobrevida em que enfim se torna possível viver tudo o que não se terá vivido da vida que se viveu, tudo o que não se terá vivido justamente por estar encerrado em uma espécie de esquecimento original, determinado pelas oscilações inconscientes do desejo e do sentimento que, para o escritor, filtram a cada vez, para cada um, a percepção do que se vive (cf. BENJAMIN, 1989, p. 108). Como diz Walter Benjamin, referindo-se, em pequena nota sobre Proust¹, às “imagens” da memória involuntária proustiana e explicitando a experiência paradoxal do tempo que elas implicam, “trata-se [...] de imagens que nunca tínhamos visto, antes de nos lembrarmos delas” (BENJAMIN, 2015, p. 150)². Imagens, portanto, de um passado que se torna presente no presente sem jamais

1 “D’un petit discours sur Proust, prononcé lors de mon quarantième anniversaire” (1932). Trata-se de uma nota manuscrita recolhida por Robert Kahn nos Arquivos Benjamin de Berlim. O texto é inédito em português e só foi traduzido para o francês em 2015.

2 Sempre que a referência do trecho citado for a uma obra em francês, a tradução é minha.

ter sido presente no passado – ao menos “nunca sob nosso próprio olhar”, como diz ainda Benjamin na sequência da passagem em questão. Imagens daquilo que aconteceu sem ter acontecido, de uma “verdade que se esqueceu de acontecer”, para evocar aqui de través uma conhecida imagem do poeta Mário Quintana, primeiro tradutor de Proust no Brasil. O passado depende, portanto, de uma lembrança no futuro para enfim ter sido plenamente presente, e só assim, de algum modo, sobrevir, ou sobreviver, à sua própria morte.

É em meio a um deslizamento temporal análogo entre vida consumada e “vida continuada” (ou entre “experiência vivida” e “pervivência”) que se tece a “sobrevivência” de uma obra em sua historicidade³, e, mais precisamente quanto ao que nos interessa aqui, é em meio a esse deslizamento temporal que se tecem as “conexões de vida” (BENJAMIN, 2011, p. 104) – implicadas também nessa sobrevivência – que a obra entretém com suas traduções, tal como as concebe Benjamin em suas reflexões sobre a tarefa do tradutor.

Pois, assim como a obra de Proust, instável por essa complexidade temporal inscrita em sua própria natureza, condenada por sua virtualidade intrínseca a se reescrever ao infinito, assim como ela, uma tradução, à maneira que Benjamin permite pensá-la, é, como se sabe, inacabada por definição: entre o salto no agora de uma outra língua em que ela sobrevém à revelia do original estrangeiro e de sua língua, entre esse salto e o irrecorrível reencontro de um tempo e de um sentido perdidos que esse original e essa língua, em sua “transformação e renovação” próprias (p. 107), teimam em buscar, entre a sombra coercitiva da propriedade das línguas – da própria e da estrangeira – e os lampejos de sentido virtualizados pelas mutações dessas línguas, entre esses dois tempos intrincados que lhe espelham, portanto, dela, tradução, os esquecimentos que a constituem e o envelhecimento que sempre já a alcançou, entre esses dois tempos, ela, a tradução, não cessa de solicitar, em contratempo, e a um só tempo, o seu próprio acabamento e o do original, a sua própria metamorfose e a do original, o seu próprio “crescimento” (p. 110) e o do original. Ou seja, no limite, a tradução não cessa de solicitar uma outra tradução, uma retradução, se quisermos, que reabre e reinterroga, no mesmo movimento, o original e suas precedentes traduções, bem como “o mais íntimo relacionamento das línguas entre si” (p. 106), as quais, assim, se recolocam em contato – ou seja, em confluência e em conflito.

É, portanto, partindo do contraponto proustiano que eu gostaria de retornar ao pensamento de Benjamin sobre a literatura e a tradução, sobre as “conexões de vida” entre elas, para especular mais especialmente sobre a dimensão produtiva do envelhecimento e do esquecimento, tomados aqui como contratempos críticos inerentes a toda obra – original ou tradução –, e que destinam ambos – original ou tradução –, necessária e inexoravelmente, ao inacabamento e à “vida

3 Reconhecem-se os termos de que se serve Benjamin para discutir as relações entre original e tradução em *A tarefa do tradutor*, em torno de uma semântica da vida (“*Fortleben*”, “*Überleben*”). A tradução desses termos oscila bastante tanto nas traduções francesas quanto nas brasileiras. Cf. nota de Susana Kampff Lages (BENJAMIN, 2011, p. 104)

continuada”. Isso tanto no âmbito do “interior da mata da linguagem” (p. 112) de cada uma das línguas envolvidas – como exemplifica a própria obra de Proust – quanto no âmbito da fronteira entre elas. Mais especialmente no caso de uma tradução *stricto sensu* – ao menos, segundo a expressão de Benjamin, para os leitores “que compreendem o original” (p. 102), ou seja, dizendo de outro modo, para aqueles leitores que não podem ler, a despeito de sua própria vontade, sem o assombro de outra língua.

Para começar com Proust, eu gostaria de evocar duas passagens muito conhecidas, muito citadas, nos mais diversos contextos, mas que, curiosamente, encontrei pouquíssimas vezes associadas numa reflexão sobre a tradução. E que não podem deixar de fazer pensar quem quer que se interesse pela questão da relação entre escrita dita original, criativa, e a escrita propriamente tradutória.

A primeira passagem, extraída dos fragmentos de *Contre Sainte-Beuve* (1908-1909), circulou e circula muito a partir de Gilles Deleuze, que usou a primeira frase como epígrafe de *Crítica e clínica*:

Os belos livros são escritos numa espécie de língua estrangeira. [Mas Proust prossegue:] Sob cada palavra cada um de nós coloca seu sentido ou ao menos sua imagem, que é frequentemente um contrassenso. Mas nos belos livros, todos os contrassensos que fazemos são belos.

(PROUST, 1954a, p.297-298)

38

E na sequência, Proust dá exemplos de seus supostos “contrassensos” como leitor, referindo-se a um romance de Barbey d’Aurevilly ou a um poema de Baudelaire. A segunda passagem é retirada do último volume *Le Temps retrouvé*, último volume de *Em Busca do tempo perdido*, no momento em que o narrador começa a se dar conta do sentido possível de sua obra por vir e da realização enfim vislumbrada de sua vocação de escritor:

Se eu tentasse me dar conta do que acontece, de fato, em nós no momento em que algo nos causa uma certa impressão [...] [e Proust dá umas dez linhas de exemplos de impressões desenvolvidas dispersamente ao longo da *Recherche...*], eu percebia que, para expressar essas impressões, para escrever esse livro essencial, o único verdadeiro livro, um grande escritor não tem, no sentido corrente, que inventá-lo mas que traduzi-lo. O dever e a tarefa de um escritor são os de um tradutor.

(PROUST, 1954b, v. 3, p.890)

Entre as poucas articulações que encontrei reunindo essas duas passagens no entanto tão comunicantes destaco uma de Julia Kristeva. Numa reflexão sobre a experiência do “amor da outra língua”, como ela diz, Kristeva formula,

a meu ver, o essencial, ou quase, quanto ao sentido que essas passagens possam ter para Proust. Na passagem que se segue ela parte justamente do uso abusivo e deturpado que frequentemente se faz da frase de Proust via Deleuze para chegar à relação entre escritor e tradutor:

O que se esquece com frequência de dizer é que a língua que Proust traduzia para o francês não era um outro idioma já feito: como o inglês, por exemplo, ou o búlgaro para mim. O que o escritor – e o estrangeiro, esse tradutor – transfere para a língua de sua comunidade é a língua singular de sua “memória involuntária” e de suas “sensações”. [...] Essa “língua” sensível não é uma língua de signos: ela é uma “língua” entre aspas, um caos e uma ordem de batimentos, de impressões, de dores e de êxtases nas fronteiras da informulável biologia. Essa “língua” é uma verdadeira “estranheza” – mais estrangeira do que qualquer idioma já constituído – que o escritor espera formular.

(KRISTEVA, 1998, p. 391-392)

Mas eu gostaria de sublinhar também em relação a essas passagens algo que Kristeva não explora aqui, e que diz respeito à consideração implícita do leitor – e não apenas do autor, que ela privilegia aqui – como tradutor. Quando Proust escreve que, “sob cada palavra” da tal língua estrangeira que constitui uma obra, “cada um de nós coloca seu sentido ou ao menos sua imagem, que é frequentemente um contrassenso”, para em seguida falar de si mesmo como leitor, ele também povoa o mundo da leitura, para repetir os termos de Kristeva, com “uma ‘língua’ entre aspas, um caos e uma ordem de batimentos, de impressões, de dores e de êxtases nas fronteiras da informulável biologia”... Ora, se pensarmos na experiência deste leitor que nos interessa em particular que é o tradutor *stricto sensu*, traduzir também implicaria, sob essa ótica, deparar-se com uma estranha língua estrangeira, feita, por que não?, de “memórias” e de “sensações” – de “impressões”, ou de “imagens”, termos caros a Proust –, a assombrar a língua própria a partir de uma outra língua estrangeira, língua agora sem aspas, uma língua não de todo estranha ao leitor-tradutor em questão, uma língua mais ou menos estabelecida, feita de “signos” que lhe são mais ou menos familiares...

Uma bela imagem dessa experiência é dada pelo próprio Benjamin ao relatar o “regime” que havia “descoberto” para empreender sua própria tradução de Proust⁴. Em uma carta a Julia Radt de 1926, ele escreve, referindo-se a essa experiência e ao tal “regime” tradutório:

4 Para recordar aqui: Benjamin começou a ler Proust em 1919. Entre 1925 e 1926 traduziu com Franz Hessel *À l'ombre des jeunes filles en fleurs* e *Du côté de Guermantes*, publicados respectivamente em 1927 e em 1930. O manuscrito de *Sodome et Gomorrhe*, em que os dois trabalhavam desde 1926, perdeu-se (cf. WEIDNER, 2015, p. 26-29).

Quando me levanto de manhã, sem me vestir, sem tampouco que uma gota d'água toque minhas mãos ou meu corpo, sem muito menos beber, começo a trabalhar e não faço nada enquanto a labuta do dia não estiver terminada – sem sequer falar de desjejum.

(*apud* WEIDNER, 2015, p. 30-31)

Como diz Daniel Weidner, é como se Benjamin aspirasse a traduzir “numa espécie de transe artificial, num estado buscado de semi-vigília”, numa “espécie de escrita automática” (p. 31). Weidner evoca então uma passagem do fragmento “Sala de desjejum”, de *Rua de mão única*, em que Benjamin associa o “desjejum” à “quebra entre mundo noturno e diurno”, interrompendo “o sortilégio do sonho”, “a cinzenta penumbra onírica” (BENJAMIN, 1994, p. 11-12). Mas se o crítico quer enfatizar aqui um certo desejo “mimético” de Benjamin em relação a Proust, cito-o, por “imitação espontânea de um estilo” (WEIDNER, 2015, p. 31), que tal “regime” favoreceria, o que me parece interessante destacar na imagem encenada por Benjamin é a intuição da tradução como uma espécie de “relato” do original “de dentro do sono” – “Quem está em jejum fala do sonho como se falasse ainda de dentro do sono”, diz Benjamin no final do tal fragmento sobre o desjejum (BENJAMIN, 1994, p. 12)... –, de um “relato” em que “reina” o princípio da “semelhança”, e não o da “identidade”. Como em Proust, que exerce em sua escrita, segundo a expressão de Benjamin em “A imagem de Proust”, o “culto apaixonado da semelhança”. “Semelhança” que ele, Benjamin, no mesmo artigo, define assim:

A semelhança entre dois seres, a que estamos habituados e com que nos ocupamos em estado de vigília, é apenas um reflexo impreciso da semelhança mais profunda que reina no mundo dos sonhos, em que os acontecimentos não aparecem jamais como idênticos, mas sempre como semelhantes: impenetravelmente semelhantes a si mesmos.

(BENJAMIN, 2012, p. 40-41, tradução ligeiramente modificada)

Daí a descrição do manuscrito da tradução de *Sodome et Gomorrhe* (que foi devolvido a Benjamin para revisão e acabou desaparecido) pelo editor alemão Reinhard Piper (que no fim das contas se recusou a publicá-lo), numa imagem que não deixa de lembrar os manuscritos da *Recherche* (cujo primeiro volume, como se sabe, a editora NRF se recusara a publicar em 1912). Diz o editor em carta a Franz Hessel:

A tradução não é datilografada, mas manuscrita, com uma escrita apertada e desordenada. Falta, além disso, toda uma série de palavras, que devem ainda ser acrescentadas. Inúmeras

palavras francesas estão anotadas à margem [...]. Essa tradução não parece pronta para ser impressa, e é lícito pensar que tenhamos que mandar datilografá-la, e então corrigi-la.

(*apud* WEIDNER, 2015, p. 30)

Essa descrição corrobora a aproximação da experiência tradutória benjaminiana, tanto do ponto de vista conceitual quanto do ponto de vista prático, da experiência proustiana de leitura do “belo livro”, ambas escapando, como o mundo dos sonhos freudiano, ao princípio da não-contradição (lembramos dos “belos contrassensos” invocados por Proust), e ao crivo do saber constituído do tradutor/leitor relativamente às “propriedades” das línguas em jogo, se podemos dizer assim, saber que reflete as correspondências mais ou menos estabelecidas entre elas muito mais segundo o princípio das “identidades” do que sobre o das “semelhanças”, na medida em que elas supostamente se esgotam e se estabilizam, tais correspondências, no âmbito pragmático-comunicativo dos sentidos socialmente compartilháveis em dado momento histórico.

A todo esse processo “onírico”, sintetizemos assim, de leitura e tradução, também não deixa de remeter aquilo que Benjamin, referindo-se à produtividade própria da memória involuntária proustiana, descreve bem no início de “A imagem de Proust” como “um trabalho de Penélope do esquecimento”, trabalho noturno que desfaz a “tapeçaria da existência vivida” (BENJAMIN, 2012, p.38) à medida que “pô[e] à luz o fluxo fugido, saturado de todas as reminiscências que haviam penetrado em seus poros durante sua permanência no inconsciente” (BENJAMIN, 1989, p.131, tradução ligeiramente modificada). Retomemos a passagem:

Aqui é o dia que desfaz o trabalho da noite. Em cada manhã, ao acordarmos, em geral fracos e apenas semiconscientes, seguramos em nossas mãos apenas algumas franjas da tapeçaria da existência vivida, tal como o esquecimento a teceu para nós. Mas cada dia, com suas ações intencionais, e, mais ainda, com suas rememorações intencionais, desfaz os fios, os ornamentos do olvido. Foi por isso que Proust transformou, ao final, seus dias em noites...

(BENJAMIN, 2012, p. 38)

Vemos, pois, que a “traduzibilidade” da vida constitui para Proust, de acordo com Benjamin, sempre, um processo de sobrevivida, de sobrevivência, tributário do envelhecimento e do esquecimento, que se oferecem, assim, como contratempos produtivos justamente porque rejuvenescedores, como queria Goethe da tradução... E Proust, deste exercício de “tradução” da vida que a obra pretende ser... Os termos de Benjamin, na última seção do artigo, sintetizam de certa forma o que pretendi dizer até aqui:

Acompanhar a interação entre envelhecimento e rememoração significa penetrar no coração do mundo proustiano, no universo do entrecruzamento. É o mundo em estado de semelhança, e nela reinam as “correspondências” [...]. É esta a obra da *mémoire involontaire*, da força rejuvenescedora capaz de enfrentar o implacável envelhecimento. Quando o passado se reflete no “instante”, úmido de orvalho, o choque doloroso do rejuvenescimento o condensa tão irresistivelmente como a orientação de Guermantes se entrecruza, para Proust, com a orientação de Swann, quando o autor, no 13o volume, [...] descobre o entrecruzamento dos caminhos.

(BENJAMIN, 2012, p.47)

Para começar a concluir, eu gostaria de trazer à baila mais um elemento importante para a relação entre a memória involuntária e a tradução da vida em Proust, elemento especialmente destacado por Benjamin no penúltimo parágrafo de “A imagem de Proust”. Trata-se das “recordações preservadas no olfato”, que, mais do que as “imagens visuais” que colorem no mais das vezes as lembranças do narrador proustiano, conservam, em sua “tenacidade especial”, o peso e a vagueza que fazem vibrar mais enigmaticamente, em “batimentos e impressões”, tais lembranças expressas em frases, potencializando, assim, sentidos e contrassensos da leitura... Eis a passagem:

42

Mas se quisermos captar com pleno conhecimento de causa a vibração mais íntima dessa literatura, temos que mergulhar numa camada dessa memória involuntária, a mais profunda, na qual os momentos da recordação anunciam-nos, não mais isoladamente, com imagens, mas desformes, não visuais, indefinidos e densos, um todo, como o peso da rede anuncia sua pesca ao pescador. O odor é o sentido do peso daquele que lança suas redes no oceano do *temps perdu*. E suas frases são a totalidade do jogo muscular do corpo inteligível, contêm todo o esforço indizível necessário para erguer o que foi capturado. (p. 50)

Como se lê aqui, a prevalência mais indefinida do odor na economia da recordação, colocando em questão o paradigma da visualidade, expõe a dimensão algo estrangeira e intraduzível – “indizível”, diz Benjamin – do “esforço” do sentido inerente à escrita proustiana. Assim, se a consciência trágica da potência destruidora do tempo levava Baudelaire, autor decisivo tanto para Proust quanto para Benjamin, a constatar que “a Primavera adorável [havia perdido] seu odor” e a se perguntar nostalgicamente “onde [estavam] os perfumes embriagantes das flores desaparecidas” (BAUDELAIRE, 1975, vol I, p.77 e 386)⁵, Proust, por

5 “Le Printemps adorable a perdu son odeur!”; “Où sont les parfums enivrants des fleurs

meio justamente do odor – “refúgio inacessível da *mémoire involontaire*”, capaz de “anestesiando profundamente a consciência do fluxo do tempo” (BENJAMIN, 1989, p.135, tradução ligeiramente modificada) –, condensa e traduz o que é para ele a experiência de gozo⁶ por excelência da escrita, isto é, da tradução de si: trata-se, como resume uma expressão que aparece no último volume da *Recherche*, de “[libertar-se] da ordem do tempo”⁷.

Nesse sentido, eu gostaria de propor uma imagem conceitual: a de uma *tradução odorante*, de uma tradução que recendesse, em suas “redes”, para “reencontrá-lo”, o vago “sopro do tempo perdido” “bafejado”⁸ pelo original naquela fase onírica, digamos assim, da experiência tradutória. Como uma palavra que recendesse a “não-palavra” entrevista a partir da leitura do original, a “entrelinha” passível de “morder a isca” como escreveu Clarice Lispector para definir sua experiência da escrita⁹. Experiência de certa forma análoga, a meu ver, àquela que Benjamin sintetiza enigmaticamente ao fim de sua *Tarefa* como “tradução virtual” ou “versão interlinear do texto sagrado” (BENJAMIN, 2011, p.119), a qual remeteria, nesta perspectiva que proponho aqui, a uma língua muscularmente aspirada, farejada, se podemos dizer assim, pelo tradutor-pescador a partir do “peso do sentido” que se constitui, no tempo sempre já chegado e sempre ainda por vir da tradução, por meio de seu embate com as frases entre duas “línguas de signos” a se esgrimir¹⁰, de um lado, e, de outro, com “a língua sensível, entre aspas”, nos termos de Kristeva, ou *língua odorante*, como proponho, que tais frases inevitavelmente deflagram na iminência da tradução e na resistência a ela.

“É somente quando deixamos uma coisa que a nomeamos”, disse André Gide numa conversa com Benjamin no momento em que falava justamente de sua relação com as línguas estrangeiras (BENJAMIN, 2015, p. 142). Nesse

disparues?”. Trata-se, respectivamente, de um verso do poema “Le goût du néant”, de *Les Fleurs du mal*, e de uma frase do ensaio “Du vin et du haschisch”. Jeanne-Marie Gagnebin (2007) discute rapidamente a questão no texto “Le Printemps adorable a perdu son odeur”.

6 Proust, por meio de suas “ressurreições da memória”, apresentou-se, segundo Benjamin, “como o substituto dos pobres e dos deserdados do gozo”, atribuindo-se, palavras de Benjamin, “a obrigação [...] de não apenas viver o gozo para todos, mas em cada lugar e para toda coisa que o tornasse possível”. Benjamin refere-se ainda, no mesmo texto, ao “projeto incondicionado de salvar o gozo, justificá-lo”, como “uma paixão proustiana que vai muito mais longe que suas análises desiludidas” (BENJAMIN, 2015, p.150-151).

7 “Mais qu’un bruit déjà entendu, qu’une odeur respirée jadis, le soient de nouveau, à la fois dans le présent et dans le passé, réels sans être actuels, idéaux sans être abstraits, aussitôt l’essence permanente et habituellement cachée des choses se trouve libérée et notre vrai moi qui, parfois depuis longtemps, semblait mort, mais ne l’était pas autrement, s’éveille, s’anime en recevant la céleste nourriture qui lui est apportée. Une minute affranchie de l’ordre du temps a recréé en nous pour la sentir l’homme affranchi de l’ordre du temps.” (PROUST, 1954, v. 4, p.451)

8 Trata-se de uma nota de Walter Benjamin, vale a pena citar a frase inteira: “O alçado arquitetônico da obra de Proust se baseia nisso: cada uma das situações nas quais o cronista é bafejado com o sopro do tempo perdido se torna, por isso, incomparável e liberta-se da sequência do tempo.” (BENJAMIN, 1989, p. 139, tradução ligeiramente modificada)

9 Todos terão reconhecido aqui as palavras de Clarice em *Água viva* “Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu.”

10 Penso aqui na “estranha esgrima” (“fantasque escrime”) do poeta encenado por Baudelaire no poema “Le Soleil” (1975, vol. 1, p. 83).

sentido, parece-me, nomear é sempre também esquecer e envelhecer um pouco, e traduzir, que é renomear, implica necessariamente, faz sentir – tenho vontade de dizer em francês, *fait sentir*, remetendo, justamente, ao perfume da língua – , “no meio da vida”¹¹, da vida própria e da vida da obra¹², o “choque doloroso” mas, como uma passagem¹³, por um instante rejuvenescedor, com esses dois implacáveis contratempos do “movimento inodorante do tempo”¹⁴.

11 Para lembrar Barthes evocando Dante ao falar de seu desejo de romance a partir de Proust, no célebre artigo “Longtemps je me suis couché de bonne heure” (BARTHES, 1984, p. 341-342).

12 Susana Kampff Lages sintetiza nestes termos a trama temporal subjacente à relação entre original e tradução: “O original, que é o objeto empírico que abriga em si, em sua traduzibilidade, a lei da forma, do gênero tradução, não se encontra no início de uma cadeia temporal cronologicamente determinada, mas presentificável no *meio*, entre o passado de sua produção na obra e o futuro de suas reproduções na forma de múltiplas traduções possíveis.” (LAGES, 2002, p. 203)

13 Aqui o diálogo possível seria com a passante. (BAUDELAIRE, 1975, vol. 1, p. 92-93).

14 E homenageio aqui, com esta última expressão, o poeta francês contemporâneo Christian Prigent, que com ela conclui seu proustiano romance “Uma frase para minha mãe”, em cuja tradução venho, por minha vez, trabalhando.

- BARTHES, R. *Le bruissement de la langue*. Paris: Le Seuil, 1984.
- BAUDELAIRE, C. *Œuvres complètes*, Bibl. de la Pléiade, 2 vol. Paris: Gallimard, 1975.
- BENJAMIN, W. “A imagem de Proust”. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. revista. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- _____. “A tarefa do tradutor”. *Escritos sobre mito e linguagem*. Trad. Susana Kampff Lages. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2011.
- _____. “Rua de mão única”. *Rua de mão única. Obras escolhidas II*, 4. ed. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. “Sobre alguns temas de Baudelaire”. *Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo. Obras escolhidas III*. 1. ed. Trad. de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. *Sur Proust*. Trad. Robert Kahn. Caen: Nous, 2015.
- GAGNEBIN, J-M. “Le printemps adorable a perdu son odeur”. *Alea* [online]. 2007, vol.9, n.1, pp.64-74. ISSN 1517-106X. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2007000100005>.
- KRISTEVA, J. “L’autre langue où traduire le sensible”. *French Studies* LII (4), 1998. Disponível em: <<http://fs.oxfordjournals.org/content/LII/4.toc>>. Acesso em: 26 mar. 2017.
- LAGES, S. K. *Walter Benjamin: tradução e melancolia*. São Paulo: Edusp, 2002.
- PROUST, M. *Contre Sainte-Beuve*. Paris: Gallimard, 1954a.
- _____. *A la recherche du temps perdu*, Bibl. de la Pléiade, 4 vol. Paris: Gallimard, 1954b.
- WEIDNER, D. *Traduction et survie: Walter Benjamin lit Marcel Proust*. Trad. Guillaume Burnod e Aurélia Kalisky. Paris: Éditions de l’éclat, 2015.

Submetido em: 10/10/2016

Aceito em: 22/12/2016